

1959

A reportagem esquecida

Se o seu filho é mudo (por ter nascido surdo) há quem (carinhosamente) poderá fazê-lo falar

- 1 - Uma felicidade que pode ser proporcionada sem que centros maiores sejam procurados
- 2 - Na Secretaria da Educação poderão ser obtidas informações completas a respeito

NELIO SENIOR

Quantas crianças são mudas por terem nascido surdas? Incapacitadas a ouvir, ficam-lhes a lutar a capacidade de também falar. Sem saber o que seja a voz alheia passam a ignorar o que poderia ser a sua própria voz. E quantos pais não vivem tristes lamentando a desventura de ter um filho ou uma filhinha que não podem pronunciar um "papai" carinhoso ou "mamãe" cheia de amor.

Será isto, porém, uma desventura para a qual não se encontra remédio?

Não. Há solução para o caso, quando não existir defeito congênito no aparelho vocal.

Há uns seis meses, mais ou menos, o Secretário da Educação pediu-me que fosse entrevistar uma professora de surdos-mudos e fizesse uma ampla reportagem a respeito. Salientou, então, quanto poderia ser útil um esclarecimento a respeito do assunto, principalmente considerando-se o desespero de tantos pais que, em centros maiores, Rio e São Paulo, iam encontrar solução para o seu problema, às vezes com sacrifícios além de suas forças.

Telefoni para a professora. Marcamos local e hora para a entrevista.

Quando aquela senhora jovem, ou senhorita, já nem lembro, procurou-me no escritório, acompanhada de uma menina de uns dez anos, sinceramente, não atinei fosse ela a professora

com quem trocara idéias. Após explicações sobre as condições, raízes do assunto, métodos, casos curiosos, paciência, problemas, tristezas, coração partido, ternura, sorrisos, lágrimas de satisfação — coisa que transpirou da conversa — fiquei a imaginar o quanto de bendito poderia ter uma profissão como a daquela jovem criatura.

Rostinho colado à janela, a criança olhava para o cais do porto, onde guindastes se movimentavam e onde um navio estrangeiro enchia a tarde de ruídos. A um aceno da criança também ela, a professora, chegou-se à janela.

Os olhos grandes, escancarados, daquela criança eram duas súplicas redondas. Notei, apenas, quando encarando-os, a professora, pausada e com clareza extrema pronunciou:

— Na — vi — o

Do fundo de uma garganta de anjo veio a repetição:

— Na — vi — o

Não sei se as lágrimas eram minhas ou eram daqueles olhos. Senti, apenas, que havia lágrimas perdidas naquele instante.

Tudo quanto me fora dito foi anotado numa folha de papel. Local de funcionamento da Escola para surdos mudos, informações precisas de como crianças nascidas surdas e, por isso, mudas, poderiam aprender a falar, tempo necessário para o aprendizado, enfim, um mun-

do e coisas diferentes. O nome da professora, os cursos de especialização (se houvera feito, às crianças que já haviam aprendido a falar, tudo isso foi colocado num pedaço branco de papel. Era tudo quanto necessitava para a reportagem.

Um mundo de afazeres, multiplicidade de obrigações, possivelmente uma viagem acrescida de uma mudança de prédio, honestamente, não sei onde foi parar aquela folha de papel. O episódio de quando em vez me vinha à lembrança. Sentia-me deverdor de qualquer coisa demasiada séria para ser esquecida. Retornar à presença da professora e dizer-lhe assim, sem mais nem menos, ter perdido as anotações pareceu-me tremendamente truíci. Poderia parecer um descaso, tinha todo o sentido de uma desatenção pela qual não me perdoou até hoje.

A reportagem esquecida aqui está feita e eu a sintetizo em poucas palavras:

— Pais de crianças mudas e surdas, há aqui em Vitória uma professora que poderá fazer seu filho falar! Não sei

precisar o nome dela, mas ela existe. Se seu filho ou sua filhinha não falam e não ouvem ainda há tempo para diminuir essa tristeza: basta procurar a Secretaria da Educação, ali no Palácio Anchieta. Alguém ou todos os seus funcionários poderão dar amplas informações a respeito. E quem sabe, não será este aviso — que demorou tanto — a chave para que seu filho aprenda a falar, para que sua filha aprenda a pronunciar papai. Nós já temos uma professora que tem paciência e tem especialização para isso. Não importa o seu nome, que essas criaturas não precisam de nome para serem chamadas de anjo.

Se você é pai e tem uma filhinha nessas condições, não me queira mal pelo tempo que fiz perder. E quando ela aprender a pronunciar papai, explique-lhe, também, que o repórter apenas, por acúmulo de obrigações, atrasou a reportagem. Mas que ele sabe quanto você será feliz, porque tem quem lhe diga — como a sua filhinha — papai!

A GAZETA

Vitória, (E. S.) — 6.ª-feira, 6 de novembro de 1959